

JORNADA A LUGAR NENHUM

Carlos André Moreira

A mais turbulenta e aventureira das vidas também pode terminar com a impressão de que não levou a lugar nenhum. Como a de Aimé Bompland, botânico e explorador francês, retratada pelo escritor Luiz Antônio Assis Brasil em seu novo romance, *Figura na Sombra* (L&PM, 264 páginas, R\$ 39), que tem sessão de autógrafos nesta quarta-feira.

Assis Brasil, escritor e secretário de Estado da Cultura, encerra com *Figura na Sombra* uma série de quatro livros denominada *Visitantes ao Sul*, todos centrados em estrangeiros ou brasileiros de outras localidades que, em determinado momento de uma trajetória invariavelmente de conflito consigo mesmo, passaram pelo Rio Grande do Sul do século 19 e início do século 20. Os outros romances do ciclo são *O Pintor de Retratos* (2001), *A Margem Imóvel do Rio* (2003) e *A Música Perdida* (2006).

Os livros da série *Visitantes ao Sul* são atravessados não apenas por uma identidade temática, mas por uma reinvenção voluntária do próprio Assis Brasil como escritor. Depois de uma carreira marcada pela prosa flaubertiana e suntuosa de romances como *Cães da Província* ou a trilogia *Um Castelo no Pampa*, Assis embarcou em uma prosa concisa e contida, buscando uma concentração de termos e recursos capazes de expressar mais com menos. A frase rica e torneada deu lugar a descrições mais secas e áridas, um espelho da psique conturbada de seus protagonistas, todos homens que se descobrem aquém das expectativas de uma missão pessoal, oficial ou artística.

Em *Figura na Sombra* esse protagonista é uma figura real, o botânico francês Aimé Bonpland (1773 – 1858), companheiro de viagem do lendário explorador alemão Alexander von Humboldt em uma expedição que cruzou as Américas por cinco anos. Os dois naturalistas percorreram, de 1799 a 1804, localidades de Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Brasil, Cuba México e Estados Unidos, coletando amostras da vegetação e enviando caixas inteiras de coleções para a Europa. Na volta ao Velho Continente, Bonpland descobre que seu talento é deixar-se ir, não a disciplina que Humboldt exige para a sistematização e publicação de seus relatos de viagem – uma tarefa fadada a durar ainda mais que a viagem em si.

O Bonpland romantizado por Assis Brasil, sem a fome e o rigor de seu parceiro de empreitada, logo desvia-se, em uma inesperada paixão por Josefina, a esposa de Napoleão, que o convence a assumir a administração do jardim e da estufa da Malmaison, a residência da Imperatriz. Cada vez mais apático à medida que envelhece, Bonpland renuncia progressivamente à ciência, retorna à América do Sul obcecado com a ideia de fazer fortuna com a erva-mate, empreendimento em que encontrará obstáculos que, assim como a glória, podem estar além de suas forças.